



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A pesca da sardinha

por JULIAO SELVAGEM, desenhos de CASTANÊ



PASSARA o sol e, naquele dia, fins de Setembro, a brisa era mais fresca, quasi desagradável.

Na praia poucos banhistas ficaram — apenas os que passavam os meses do calor em estágio permanente. Os outros, os que iam de Lisboa, há muito que se haviam retirado,

— não fôsse a noite surpreendê-los ali.

Sentados na areia, o Luisico e o tio Juca iam cair a tarde. Lá ao longe, o disco do sol, agonizante, afundava-se nas águas tingindo-as de listas vermelhas.

O barraqueiro levantara, apressado, as lonas das barracas, deixando as estacas nuas, enfileiradas como soldados em formatura.

Que triste era assim a Costa, sem sol, sem as manchas brancas das barracas, como gaivotas poisadas nas ondas pequeninas daquele enorme mar de areia!

O Luisico levantou-se. O tio Juca imitou-o e lá foram ambos em busca do jantar.

O tio Juca, como o petiz lhe chamava, era vizinho do Luís e ambos se davam muito bem, como dois grandes amigos.

Luisico era curioso e, sempre que podia, perguntava ao tio Juca aquilo que ignorava.

Naquela tarde, Luisico quis saber como se pescava a sardinha.

— Como se pesca a sardinha?

— Com rédes, lançadas ao largo e puxadas depois para a praia.

— E vê-se saltar a sardinha?

— Sim, Luís. Vêem-se saltar e ouvem-se chiar...

— Gostava de ver.

— Levanta-te cedo.

— Amanhã?

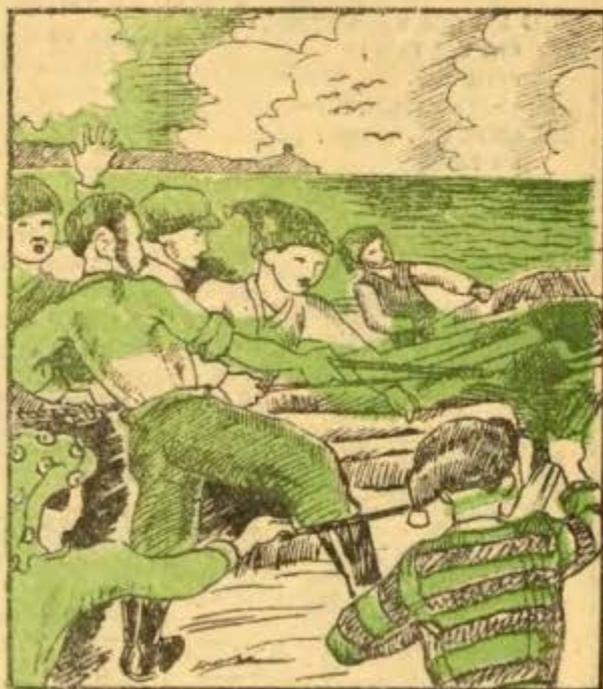
— Sim, Luís; pode ser amanhã.

E separaram-se, Luisico atravessou a entrada do

pequeno «chalet» portuguesíssimo nas suas linhas simples, nas paredes caiadas de branco e na telha vermelhinha de meia-cana.

O tio Juca viu-o subir os três degraus e dizer-lhe adeus da porta alpendrada e colorida por uma linda trepadeira.

Caíu a noite e o Luís adormeceu, pensando no



que ia ver na manhã seguinte, enquanto o sussurro distante da vaga, lembrava o fragor longínquo de montanha que se esborôa a pouco e pouco.

E a noite passou...

Na manhã seguinte, ás 7 horas, já o Luís ia, em companhia do tio Juca, a caminho da praia, para ver puxar a réde.

(Continua na pag. 5)

O Ratinho Espertalhão

Por A. de R. S.



MESTRE gato Dom Miau, para quem o melhor prato, mais até que um carapau, era um rato; certo dia, —(que alegria!)— descobriu um, mesmo ao pé do rodapé do escritório,



cuja porta estava aberta. —«Pela certa, (diz o gato que se julgava finório) este rato não me escapa!»

As primeiras férias de Luizinho

Por TOUTINEGRA

(Continuado do numero anterior)

As rãs assustavam-se, saltando para o lódo e por mais que os garotos as procurassem, já as não viam. Assim andavam há imenso tempo, quando Luís, cautelosamente, conseguiu apanhar uma rã pequenita, que, em cima duma pedrita, se regalava ao sol. Foi uma alegria inexplicável; todos, imediatamente, rodearam Luís, admirando o assustado bichinho. Alice também se foi chegando mas... parece que não estava muito á vontade. De repente, Luís estendeu a mão que segurava a rã na direcção de Alice, para que ela a visse mais de perto, mas a irmã, que estava cheia de medo, inclinou-se, repentinamente, para trás, resvalou-lhe um pé e, súbitamente, caiu de costas no ribeiro, gritando com desespero. Acudiram-lhe logo; porém, quando a tiraram, estava já toda encharcada e tremendo de susto. Tiveram que ir todos imediatamente para casa, pois Alice precisava mudar de roupa. Luís vinha consternadíssimo. Como eram muito amigos, ninguém o recriminou da pouca culpa que tivera no imprevisto acidente.

A rã aproveitou todo este reboiço para se pôr a salvo, ficando muito feliz no ribeirinho mas mais precavida para não se deixar apanhar, tão facilmente, de futuro.

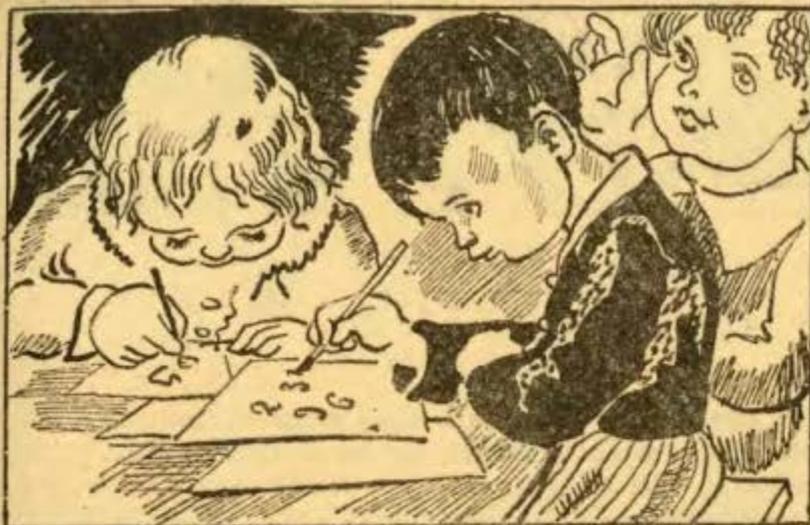
Rir dos outros

Ah!! Está a chover! Exclamou Luís, ao acordar, vendo cair grossos pingos de água, através dos vidros da janela.

Que arrelia; tinham planeado para aquele dia (o último que os primos passavam com eles) um lindo e extenso passeio e a chuva vinha deitar por terra todos os seus planos. Levantou-se e foi participar a todos a impossibilidade de realizarem o passeio. Ficaram arreleadíssimos.

Ter que passar em casa todo o dia, quando haviam entrevisto tão bela diversão! E agora a que haviam de brincar?! Enquanto se lavavam e vestiam, iam projectando: —«Aos teatros!» propôs Dino. —«Não, não temos coisa alguma estudada», argumentou Irene. —«Então às fitas!» alvitrou Zeca, mas Luís, recordado da última «fita», disse logo não querer. —«Jogar o botão ou as cartas!» disse Alice. —«Não, não; isso é maçador! Vamos todos brincar às escolas; a Irene é a professora, pois é





quem sabe mais». — «Isso; vamos brincar às escolas. » concordaram todos e, após tomarem o café, foram para a casa das arrumações, onde improvisaram uma escola com bancos e uma velha mesa, muito manca, pois lhe faltava um pé, que servia de secretária.

Dino, Zeca e Luís faziam contas, enquanto Alice, que nada sabia, copiava, muito dificilmente, os três primeiros números. Irene ia lendo para se entreter. Em dada altura, Alice foi mostrar o trabalho. Os números mais pareciam gafanhotos aos pulinhos e Luís, assim que os viu, riu, riu até mais não poder. Alice amou e pôs-se a chorar sentidamente. Irene ralhou a Luís, passando a ver-lhes as contas que estavam feitas. As de Zeca e Dino estavam certas, mas as de Luís não; e chegou a vez de se sentir ele humilhado vendo, então, que também não gostava que se rissem dele. . . . Entretanto, Irene findou a brincadeira com uma lição de moral em que salientava o dever de não nos rirmos dos outros, pois, além de atestar má educação, não nos assiste tal direito, visto que, o que não queremos para nós, não devemos desejar para os outros.

E passaram o resto daquele feio dia, contando histórias, enquanto o vento sibilava e negras nuvens se desfaziam em fortes bâtegas de água.

Os gatinhos da «Ladina»

CAPITULO VIII

Já há dias que os primos de Alice e Luís se haviam retirado, com grande desgosto de ambas as partes. O tempo estava, novamente, bom, pelo que podiam brincar à vontade, correndo por montes e vales.

■ Continua no próximo número ■



E, à sucapa, preparou-se para, em cima, lhe saltar e comer a papa doce, que, para ele, era o rato, como é bem de calcular.

Mas o rato, que era esperto, como são todos os ratos, ao ver o gato, safou-se em direcção do quintal, onde estava um canzarrão que era inimigo dos gatos e inimigo figadal.

De propósito, o ratinho, passando rés-vés do cão, fez com que o gato batesse mesmo de encontro ao focinho do cachorro e este o mordesse.

Vai, nisto, o gato assanhou-se, pôs-se com ele a brigar,



e, como é de calcular, o rato esperto safou-se para um seguro logar!

Desta história, meus amigos, um bom conceito ressalta:

— O que falta a muita gente, para livrar-se dos p'rigos a que sujeitos estão todos que têm inimigo: é somente, o expediente do ratinho espertalhão.

■ FIM ■



NOBRE EXEMPLO

por GRACIETTE BRANCO
desenhos de A. CASTANÉ

MARIA da Graça saíra, a um recado, à capelista mais próxima e a elegância do seu andar, tão estranho em cachopinha do povo, criava nela uma auréola de simpatia e interesse.

Tinha dez anos que eram fresquinhos e puros como a água que se bebe nos pucarinhos de barro e, no lugar do coração, tinha uma joia preciosíssima que cintilava amor, bondade e carinho.

Saíra a uma capelista mais próxima, a Maria da Graça, a comprar uma meada de linhas de passajar, porque a Maria da Graça, cachopinha atilada e de juízo, já passajava e cosia a roupa toda

ouviu grande risota e alarido à porta duma taberna. Voltou-se, vivamente, e um triste espectáculo se revelou aos seus olhitos inquietos: — um pobre ceguinho implorava a uns homens que lhe ensinassem o caminho da estação, mas, com uma incompreensível crueldade, um criminoso sentimento de troça, os homens desataram a rir, deixando espantado o desgraçado velhinho, que, na sua cegueira, apenas via a maldade do mundo.

— «O comboio deve estar a chegar e eu perco-o, se não me ensinam o caminho, — (gritava o cego!) Tenham piedade de mim!» Mas os homens, impiedosa-

ciado compasso, desataram a correr em direcção do velho.

— «Venha comigo. A estação é perto» (gritou Maria da Graça,



da casa, porque a querida Mãezinha andava a dias.

A Maria da Graça ia a dobrar a esquina, pé aqui, pé ali, toda leveza e natural elegância, quando

mente, continuaram troçando.

A joia preciosíssima, que era o coração de Maria da Graça, fulgurou em cintilações mais fortes e os seus pezitos de cadenu-

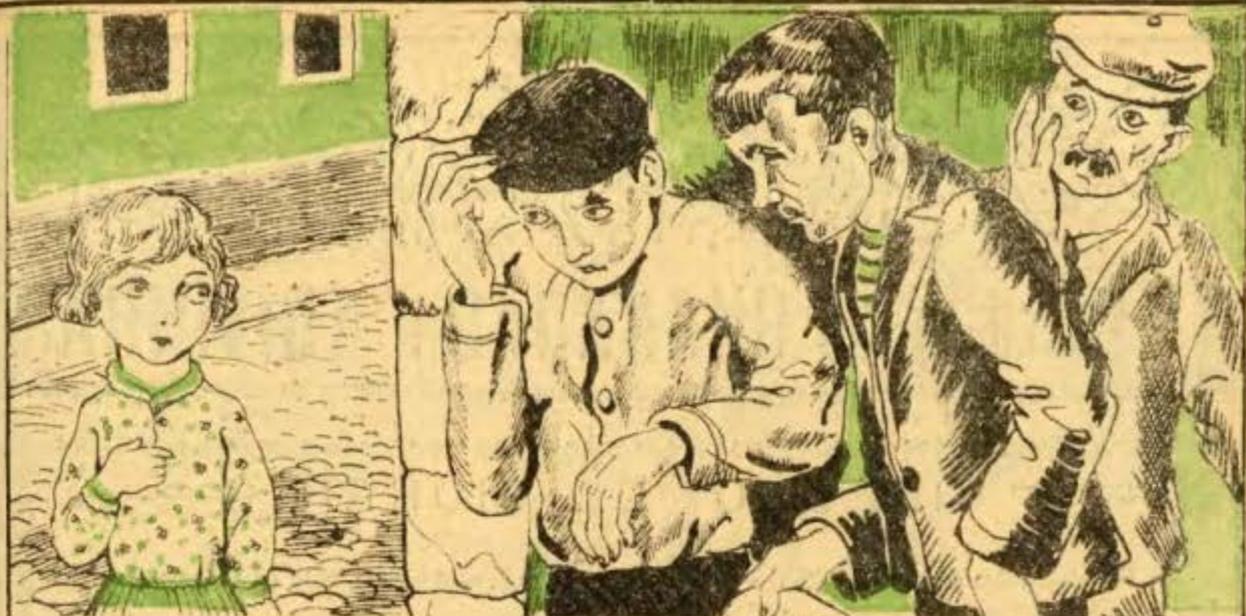
amparando-o no seu braço magro mas já vigoroso).

O ceguinho tinha um nó na garganta e apenas pode exclamar:

— «Obrigado, menina. Porque é que aqueles homens fizeram troça de mim?! Eu sou muito feio ou eles são muito maus?»

Maria da Graça tinha os olhos cheios de lágrimas e uma infinita piedade no coração!

— «Venha, tiozinho, venha... Aqueles homens são loucos. Não fizeram por mal: são loucos! Não é só vocemecê que é infeliz. Não tenha pena de ser cego. O mundo tem coisas muito feias. Olhe para dentro de si, que a sua alminha deve ser mais clara. Aí vem o comboio. Aqui tem o seu bilhete.



Pronto. Aqui, assim... Vai bem Quando Maria dá Graça, a cor- mens tiraram o chapéu e olha- sentado? Adeus, tiozinho, adeus!...» rer passou pela taberna, os ho- ram para o chão, envergonhados.

A PESCA DA SARDINHA

(Continuado da página 1)

Era cedo e os barcos andavam longe.

Entanto, o tio Juca foi explicando:

— Saíem os barcos para o mar levando a rede. Depois, ao largo, lançam-na à água e voltam para terra. Na praia, os pescadores vão puxando a rede que vem arrastando consigo o peixe. Recolhida a rede, abrem o saco, uma espécie de bolsa, que a rede possui e tiram de lá a sardinha, que vão vender, no mercado, ainda a saltar nas gigas.

— E para quem é o dinheiro?

— Para os pescadores. Quando a pesca acaba, repartem entre si a sardinha. Todos os que entram na faina têm a sua parte. Quanto mais pesada vier a rede, melhor para eles.

— Depois?...

— Depois voltam ao trabalho e assim sempre, todos os dias em que o mar permite.

— Mas o mar, hoje, está bravo — disse o Luís.

— Isso não amedronta os pescadores. Olha, aí vem um barquito que trás o cabo para puxar a rede.

E, com efeito, um barco, a remos, aproximava-se da praia, balouçando nos enormes vagalhões que, por vezes, o escondiam, a ponto de dar a impressão de o ter tragado.

Chegou, finalmente, à praia onde os pescadores o «vararam» — manobra que consiste em deixar o barco fóra de água, sobre a areia enxuta.

Imediatamente, os pescadores principiaram o «puxar da rede» e, dentro em pouco, chegava à praia a última «balisa».

— Aquilo o que é? — perguntou o Luís.

— Chama-se uma balisa. É uma pele de cabra cosida e cheia de ar, para evitar que a corda se

afunde e permitindo manter a rede a uma determinada profundidade.

Por fim, chegou a rede. Os pescadores, conforme ela lhes chegava às mãos, batiam a rede sobre e areia, sacudindo o peixe para dentro do «saco».

Instantes depois, o esforço teve de ser maior.

Chegara o saco cheio de peixe.

E o Luís viu a sardinha, saltando dentro das malhas da rede, como enormes palhetas de prata



e de cristal, batidas de luz e sacudidas por um vento de tempestade...

Mas, em breve, o barulho que o peixe fazia, chiando, como areia caindo em chapas de zinco, foi diminuindo. As sardinhas abriam a bôca, como se lhes faltasse o ar e, dentro em pouco, só de quando em quando, uma ou outra se sacudia num último alento de vida.

— Gostaste? — perguntou o tio Juca.

— Não! Fez-me pena. Não deviam deixar pescar...

— Que seria dos que vivem da pesca e de nós?

Mas o Luís nunca mais quis ir ver pescar a sardinha. Tinha pena de todos os animais.



1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

Premiados das séries XII a XVI — (Com um lindo livro): — Africana, Flôr de Lotus e Zairinha Lopes Coelho.

(Com uma construção de armar): — D. João, Boguinhas, João Pereira Barbosa, Milu da Rita, Minhota, Kico, Zecalculos, Pampelinas II, Mascotte e Vencedor.

Premiados nas séries XIII a XVII: (Com um lindo livro): — Zeca Pinhão, Pintaleão e Bêbé.

(Com uma construção de armar): — Campeão, Alcamosi, Filipe Moreira, Iur, Jean, Tom Mix, Texas Jack, Lilau, Maria de Lourdes e Nazaré da Póvoa.

Premiados das séries XIV a XVIII: — (Com um lindo livro): — Anibal, Grilinha e Régia.

(Com uma construção de armar): — Alfredo Costa, El-Galito, Heroína de Naulila, Timpanas, Rainha da Granja, Pardoca, Juju, Carreno, Príncipe Zéca e C. Redondo.

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no N.º 361 (XXI Séries):

- 1.ª — Firmamento
- 2.ª — Castelo de Vide
- 3.ª — Telhado
- 4.ª — Salmão
- 5.ª — Rosalinda
- 6.ª — Caixa-caixão
- 7.ª — Gamo-gamão
- 8.ª — Capa capão
- 9.ª — Bota-botão
- 10.ª — Vidago-vigo

- 11.ª — Galinha-ganha
- 12.ª — Devolver-dever
- 13.ª — Vizinho-vinho
- 14.ª — Pereira-pêra
- 15.ª — Orificio-ocio
- 16.ª — Amora-aroma
- 17.ª — Maritimo-omitiram
- 18.ª — Sopas-sapos
- 19.ª — Liga-agil
- 20.ª — Salas-salas

RETRATOS DE ALGUNS CONCORRENTES



Maria M. de Pina e Souza

Maria José Veloso

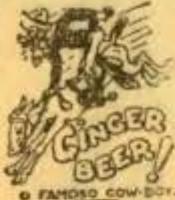
Maria Clementina dos Santos Cordelro

Candido de Oliveira C. Ferreira da Silva

Jorge Botelho Moniz

PIM-PAM-PUM

é o título da biblioteca
que delicia a gente miuda



Aventuras cómicas
Contos de fadas
Historias divertidas



Instrui, diverte e faz aprender coisas que as crianças devem saber

Bébés de Bibe e Babete, Lanterna Mágica, Pá Ta Pá, Có Có Ró Có, Papagaio Azul, Os meus contos e Aventuras de Papusse

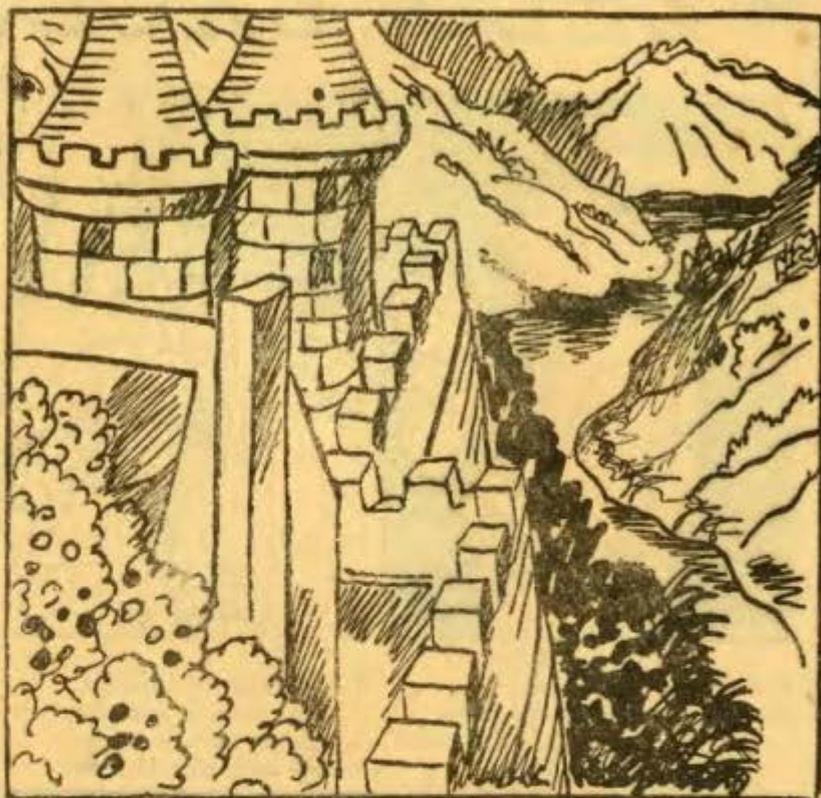
são os varios livros que compõem esta biblioteca, lindamente ilustrados e a côtes custa

2\$50

cada volume
Pedidos á nossa Administração
RUA DO SEculo, 49

A venda na SUCURSAL DO ROSSIO

PARA OS MENINOS COLORIREM



A N E D O T A S

A avó: — Então, Rosinha, sé uma boa menina e toma o teu oleo de figado de bacalhau. Não gostavas de crescer e chegar a ser tão velhinha como eu?

Rosinha (com hesitação): — Gostava, sim, avózinha; mas não posso ficar com a minha cara?

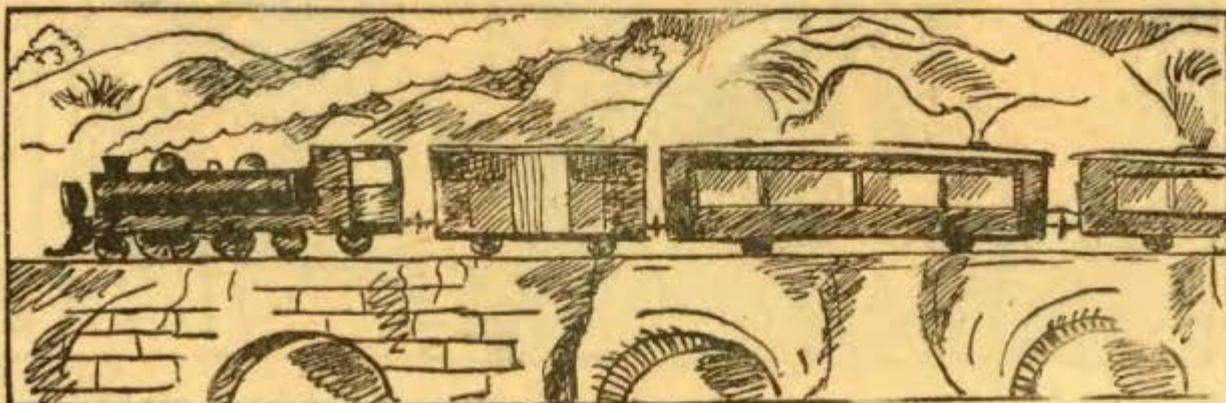
Um sujeito ajusta um criado por tanto por mês, vestir e calçar.

Mas, logo, no primeiro dia, eram 10 horas da manhã e o criado não saía da cama! Foi o amo ao quarto dele:

— Olha lá, então, são 10 horas, e tu na cama?

— E o nosso ajuste, não foi o senhor vestir-me e calçar-me?

A D I V I N H A



Meus meninos:—Este comboio, que passa sobre esta ponte, tem um maquinista que gosta de andar deprerres. Vejam se o descobrem

■ ZÊLO EXCESSIVO ■



I — No sopé ajardinado, de alto monte, em Alenquer, tinha um guarda, ao seu cuidado, cadeirinhas de aluguer.

II — A-pesar do lindo dia e da vista de encantar, poucas pessoas havia que se fôsem lá sentar.

III — Zézinho, que era alpinista, ao ver altura tamanha, quiz gosar a bela vista, lá do tôpo da montanha.



IV — E ei-lo, com toda a corágem, sem o menor sobressalto, gozando a linda paiságen, lá bem no ponto mais alto.

V — Nisto, escorrega-lhe um pé e tomba; mas de maneira que vem cair no sopé do monte, sôbre a cadeira.

VI — Inda tonto pela dôr que lhe causa o estenderete, ouve o guarda: — «faz favor de pagar o seu bilhete!»